



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6494 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

**A PRÁTICA AVALIATIVA DOS PROFESSORES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ALTO LONGÁ-PI**

Celene Vieira Gomes Fortes Lustosa - 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

**A PRÁTICA AVALIATIVA DOS PROFESSORES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ALTO LONGÁ-PI**

Celene Vieira Gomes Fortes Lustosa (UFPI /PPGED)[\[1\]](#)

Maria da Glória de Carvalho Moura (UFPI /PPGED)[\[2\]](#)

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações que ocorrem na educação vêm exigindo dos profissionais da área uma formação que atenda às necessidades do contexto. Em se tratando de avaliação da aprendizagem, é necessário repensar um tipo que não exclua nem tenha cunho classificatório, pois essa postura não contribui para a aprendizagem do aluno. Muitas escolas ainda utilizam apenas exames como forma de avaliação, mas, geralmente, esse método compromete uma visão eficaz da aprendizagem. “[...] O pecado dos ‘ditos exames’ é ter como finalidade julgar resultados e atribuir notas finais ao invés de servirem de indicadores para a ação mediadora” (HOFFMANN, 2010, p. 160).

Muitas vezes, a condição de avaliar está arraigada à formação do professor, pois este profissional traz, para sua prática, atitudes que foram adquiridas de seus mestres. Isso não se aproxima da real finalidade educativa, pois a prática avaliativa em sala de aula carrega em si a concepção que os professores têm sobre avaliação; daí a necessidade de profissionais qualificados para atuação em sala de aula.

A avaliação é vista como parte fundamental do processo ensino-aprendizagem, por isso as discussões em torno do tema estão cada vez mais intensas. Assim surgiu o interesse pelo tema em questão, o qual apareceu em meio ao que vem acontecendo no cenário educacional, principalmente no que se refere à Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Diante desse cenário, a avaliação precisa ser orientada e seguir novos rumos. Para melhor entender como trabalhar nessa modalidade de ensino, buscou-se analisar a prática avaliativa dos professores da Educação de Jovens e Adultos na visão do coordenador das escolas estaduais, no município de Alto Longá-PI. É nesse contexto que se volta o olhar para a EJA, uma vez que os alunos dessa modalidade de ensino fazem narrativas de vida em que predomina o fracasso escolar, pois não continuaram e/ou não tiveram nenhum acesso aos ensinos fundamental e médio na idade correta. Como declara a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº 9394/96, no art. 4º, o acesso à escola deve ocorrer na faixa etária de 4 (quatro) anos aos 17 (dezesete) anos (BRASIL, 1996), sendo, portanto, essa faixa considerada pelos sistemas de ensino como a certa.

Contudo, para tratar deste tema, buscou-se fundamento nas contribuições dos seguintes autores: Moura (2003), Barcelos (2014), Hoffmann (2009; 2010), Luckesi (2011), Haydt (1995), Machado (2016), Cruz e Lopes (2015), dentre outros nomes. Também foi feita uma pesquisa de campo, para a qual utilizou-se, como instrumento para coleta dos dados, um questionário aplicado junto ao coordenador responsável pelas escolas estaduais no município de Alto Longá-PI.

O texto está estruturado em seções e, primeiramente, faz-se uma discussão em torno das funções da avaliação e, na sequência, detalha-se a prática avaliativa na educação de jovens e adultos, fundamentando e refletindo acerca da avaliação da aprendizagem, as análises dos dados e pôr fim a conclusão do estudo.

Os resultados indicam uma prática avaliativa de cunho tradicional, com foco no quantitativo, centrada em provas e testes sem considerar a realidade dos alunos. E que os docentes sentem dificuldades para o ato avaliativo, apesar das orientações da coordenação pedagógica.

## **2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR PARA A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

A avaliação está cada vez mais presente nos debates educacionais, visto a forma como vem sendo aplicada e entendida na escola no decorrer dos tempos. Tem como objetivo classificar, selecionar os que se sobressaem nos resultados. Essa postura da escola tem em vista resultados, o que não garante que os estudantes estão de fato aprendendo. É através da avaliação que o professor cria condições de acompanhar o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Luckesi (2011), o ato avaliativo possui três componentes básicos: o planejamento, em que o professor precisa estabelecer um propósito, saber onde quer chegar; a execução, na qual pratica as ações programadas no planejamento; e, finalmente, a avaliação, onde o professor afora os resultados alcançados e os compara com os que foram estabelecidos. Daí a importância de uma ação planejada, visto ser uma atividade intencional.

Acompanhar o processo de ensino aprendizagem através de muitas tarefas avaliativas é essencial no sentido de se ter elementos consistentes para orientar os alunos a prosseguir, para desafiá-los a avançar em seus conceitos, em suas aprendizagens (HOFFMANN, 2010, p. 160).

Nessa perspectiva, a avaliação, no contexto escolar, busca um compromisso do professor, à medida que assume o processo de ensino voltado para a aprendizagem do aluno. Considera-se, por conseguinte, a avaliação como um referencial para o resultado positivo em relação ao que o aluno aprendeu, pois, como diz Luckesi (2008, p. 69), “[...] entendemos avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão”.

Professor e aluno são fundamentais no processo avaliativo, visto serem envolvidos diretamente na dinâmica do processo. Assim, o professor, ao pensar a ação avaliativa, deve levar em consideração o tipo de avaliação que vai aplicar com seu educando. Segundo Haydt (1995), a avaliação pode ser de três tipos: diagnóstica, cuja função é identificar as aprendizagens e dificuldades do aluno; formativa, quando visa acompanhar o aluno no processo e verifica se os objetivos foram atingidos; e, por fim, somativa, que tem função classificatória, verificando os níveis de aproveitamento dos alunos.

Considerando as funções ou tipos da avaliação, deve-se defini-las conforme os objetivos propostos pelo professor. Com a função diagnóstica, o professor tem uma noção dos conhecimentos já adquiridos e/ou das dificuldades que os alunos apresentam. Tem como meta “[...] averiguar a aprendizagem dos conteúdos propostos e os conteúdos anteriores, servindo como base para criar um diagnóstico das dificuldades futuras” (KRAEMER, 2005, p. 31”).

Quanto à função formativa, Rabelo (1998), Abrecht (1994), Hoffmann (2010) e Haydt (1995) explicam que tem como propósito melhorar o processo de ensino sobre as aprendizagens dos alunos, pois o professor, ao avaliar, precisa analisar os dados apontados para entender os resultados, para, caso necessite, se posicionar nos termos que levam a um replanejamento visando a uma intervenção sobre as dificuldades ou aprendizagens verificadas no ato avaliativo. Isto é essencial, haja visto a complexidade que se manifesta na sala de aula.

Nesse entendimento, a prática avaliativa que tem como intuito acompanhar o aluno de forma diagnóstica e formativa é a que mais se aproxima do estudante da Educação de Jovens e Adultos, visto que acompanha o aluno, tendo uma visão holística das necessidades e níveis que se encontram em termos cognitivos e emocionais. Com isso, leva-se em consideração a metodologia que está mais coerente com os objetivos elencados para aplicação de uma avaliação mais compatível com o público para o qual foi proposta.

Decerto, a prática avaliativa deve estar coerente com o ensino do professor para que não haja discrepância no ensinar e aprender, tendo em vista que a avaliação se encontra a serviço da aprendizagem. Ademais, ao se discorrer sobre avaliação de alunos da EJA, o processo deve assumir uma postura investigativa, para conhecimento dos limites e possibilidades de cada aluno e utilização de técnicas condizentes com sua realidade, sem levá-lo à exclusão, mas com o intuito de verificar se a aprendizagem de fato está acontecendo; caso contrário, as intervenções são necessárias e devem ser postas em prática.

Uma avaliação inclusiva tem um caráter essencialmente formativo e possui uma visão holística do processo de aprendizagem do educando, produzindo em cada um de seus instrumentos avaliativos questionamentos e produção de sentido, otimizando e

Nessa perspectiva, a posição do professor diante da avaliação é que seja um acompanhamento contínuo. Para isso, a escolha dos instrumentos deve estar coerente com o que foi trabalhado na sala de aula. Sabe-se que o aluno da EJA tem características próprias, as quais devem ser conhecidas pelo professor na hora de planejar. Como diz Hoffmann (2009, p. 119) “[...] Os melhores instrumentos de avaliação são todas as tarefas e registros feitos pelo professor que auxiliam uma memória significativa do processo, permitindo análise abrangente do desenvolvimento do aluno”.

A escola, na forma como está organizada, tende a valorizar os alunos como se tivessem o mesmo nível cognitivo, isto é, o mesmo ritmo de aprendizagem. Destaca-se que avaliar não é uma forma de punição, em que o aluno tem que dar conta de tudo que foi trabalhado em sala de aula. Avaliar é pensar até que ponto e como os alunos compreenderam os conteúdos e fazer possíveis interferências.

Considerando o estudante da EJA e suas especificidades, Moura (2003, p. 124) aduz que “[...] é uma área complexa por lidar com questões abrangentes, que fogem ao campo educacional e estão estreitamente relacionadas ao quadro de desigualdades sociais e econômicas, em que se encontram os atores por ela envolvidas”. Nessa proposta, conhecendo o aluno, o professor manifestará uma prática que atenda os limites e possibilidades dos estudantes, colocando-se junto ao aluno, acompanhando-o no processo de ensino e aprendizagem.

A EJA não se reduz a escolarização. Sua história, na realidade brasileira, e também na realidade latino-americana, abarca a luta pelo direito de acesso, permanência e conclusão da escolarização com qualidade, em consonância com inúmeras outras lutas: pelos direitos à saúde, ao trabalho, à moradia digna (seja no campo ou nas cidades), à igualdade de gênero, ao respeito às diversidades, dentre tantas outras, que a configuram como educação ao longo de toda a vida e pela construção de uma sociedade que, de fato, seja espaço de vivência e convivência de todas e todos (MACHADO, 2016, p. 23).

Por esse motivo, são muitas lutas enfrentadas na EJA, em todos os setores, por uma educação de qualidade. É uma busca constante que precisa de compromisso por parte de todos. Nessa linha de pensamento, é que a prática avaliativa do professor assume o compromisso de respeitar o contexto de inserção dos alunos e, assim, com base na realidade, a avaliação vai agir em favor de colocar esse aluno no centro da aprendizagem. É fundamental que os sistemas de ensino compreendam o real sentido de uma avaliação com foco na aprendizagem, pois a “[...] atenção que lhe é dispensada, na educação, está longe de corresponder a sua importância” (BARCELOS, 2014, p. 23).

A avaliação, portanto, é um componente imprescindível à prática docente, pois proporciona ao professor informações para uma reflexão a respeito de sua ação, analisando aspectos inerentes ao processo de aprendizagem e aprimorando a tarefa de avaliar. Ressalta-se que, para avaliar na EJA, Cruz e Lopes (2015, p. 68) destacam que em vez de medir conteúdos, propiciar “[...] a oportunidade para que estes sujeitos evoluam e desenvolvam habilidades nas variadas ciências do conhecimento humano”.

Compreende-se que a ação de avaliar é um processo que envolve o professor, o aluno

e o conhecimento, partindo-se do fato de que, dependendo de como será conduzida, pode ter resultados inclusivos ou que levem à exclusão. Isso acontece quando a avaliação tiver o sentido de classificar, sem considerar o educando nas suas particularidades. Porém, quando o objetivo é favorecer a aprendizagem, o estudante terá resultados satisfatórios na escola e na vida.

Na avaliação da EJA, é preciso verificar como se está avaliando e quem são os atores do processo, visto que o professor é quem seleciona itens dos conteúdos, executa e avalia. Então, há necessidade de se conhecerem todas as constantes que envolvem o processo avaliativo, para não se utilizar uma avaliação que tenha como foco apenas o produto final a ser desenvolvido. É preciso estabelecer toda a sequência em que será focada e as atividades referentes à avaliação da aprendizagem.

### 3 RESULTADOS DA PESQUISA

Conforme os dados coletados através de questionário aplicado junto à coordenadora das escolas estaduais no município de Alto Longá, foi possível perceber a avaliação da aprendizagem como algo crucial para todos os níveis de ensino.

Em relação à prática avaliativa na EJA, a coordenadora se manifestou da seguinte forma:

A prática de avaliação na EJA ainda segue um padrão tradicionalista, dentro de uma perspectiva quantitativa, infelizmente o nosso sistema de ensino no geral ainda tem muita dificuldade de avaliar qualitativamente, os professores sentem uma grande dificuldade de elencar critérios de avaliação predominantemente qualitativos. E terminam utilizando um processo arcaico como se o ensino regular fosse igual à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, que por si só já é um recorte dos recortes do que é proposto para o ensino regular (Informação escrita)[\[3\]](#).

Analisando as respostas da coordenadora, percebe-se que o tipo de avaliação predominante nas escolas é o tradicional, com foco no quantitativo, sem averiguação do qualitativo, “[...] isto tem a ver com uma visão limitada, autoritária e simplista da mesma. Uma visão que ainda insiste em conceber a avaliação como uma sucessão de testes, de provas, de trabalhos; como um elenco de conteúdos a serem aferidos” (BARCELOS, 2014, p. 27). Compreende-se que a EJA tem características que lhes são próprias e o processo avaliativo se configura como um ato em que o estudante deve ser acompanhado pelo professor, o qual irá fazer as intervenções necessárias ao processo ensino-aprendizagem.

Assim, sobre o tipo de avaliação, a coordenadora informou que, apesar das orientações para que façam a avaliação de forma qualitativa, os professores ainda praticam formas de testagem.

Outro ponto questionado foi a dificuldade do professor em avaliar o aluno. Sobre isso, obteve-se a seguinte resposta:

Por este público não ter uma frequência regular, os professores reclamam que fica difícil avaliá-los e de perceber os avanços. Temos muitos jovens envolvidos no mundo das drogas que também é um fator difícil de lidar, mas, além disso, percebe-se que os

professores que atuam em sua maioria no ensino regular também terminam querendo se utilizar de mesma didática e de um processo avaliativo comum. Reclamam também que o tempo de sala é pouco e que ao colocarem algo extra dificilmente será feito (Informação escrita)[4].

Analisando a resposta, verifica-se que a coordenadora aponta uma série de dificuldades, como: alunos envolvidos com drogas, didática dos professores não difere do ensino regular e o tempo reduzido em sala de aula. Sobre esse aspecto, Lima e Moura (2018, p. 13) posicionam-se da seguinte forma: “[...] domínio de conteúdo, que fundamenta a sua atuação em sala de aula, a administração da sua turma a avaliação do processo ensino aprendizagem, é que fortalece o professor para enfrentar situações que acontecem no seu dia a dia”.

Entende-se a modalidade de jovens e adultos como uma realidade que precisa ser reconhecida para que a prática docente se desenvolva com qualidade e, por conseguinte, a avaliação da aprendizagem aconteça de modo a atender com qualidade as necessidades dos estudantes.

#### 4 CONCLUSÃO

Neste estudo, investigou-se sobre a prática avaliativa dos professores que atuam na EJA, em um município piauiense, constatando-se que ainda desenvolvem uma prática avaliativa na perspectiva tradicional, a qual aponta que não avaliam de forma qualitativa e não selecionam critérios para avaliar. Essa postura traz sérias consequências para a aprendizagem dos alunos da EJA, visto que a avaliação mais condizente com essa modalidade é a processual.

O estudo apontou também que os professores nunca participaram de nenhuma formação que contemple a avaliação da aprendizagem. Isso resulta nas dificuldades que os docentes apontaram para avaliar seus alunos. Também a realidade em que estão inseridos apresenta muitos conflitos, como uso de drogas pelos alunos, tempo reduzido para desenvolver as atividades e domínio de estratégias para lidar com essa modalidade, que infelizmente não contempla o que diz a teoria.

Para corrigir as falhas, é necessário se fazer presente, no ato docente, a avaliação formativa que leve em consideração uma análise contínua no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Nesse processo, o professor deverá ter condições de colher, no dia a dia, as informações necessárias sobre os alunos em sala de aula, permitindo-lhe uma avaliação real do desenvolvimento das habilidades necessárias nos alunos da EJA, dentro das particularidades inerentes a cada um deles.

#### REFERÊNCIAS

ABRECHT, R. **Avaliação formativa**. Rio Tinto-Portugal: Edições Asa, 1994.

BARCELOS, Valdo. **A avaliação na educação de jovens e adultos: uma proposta solidária e cooperativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

CRUZ, Maria do Socorro Fontenele; LOPES, Clóris Violeta Alves. As práticas de avaliação da aprendizagem na modalidade EJA e suas implicações no processo ensino aprendizagem: um estudo de caso numa turma de 2 ciclo. In: MOURA, Maria da Glória

Carvalho; CARVALHÊDO, Josania Lima Portela; LEAL, Francisca de Lourdes dos Santos (Orgs.). **Contributos da UFPI para a Educação de Jovens e Adultos: avaliação e evasão escolar.** Teresina: Edufpi, 2015, p. 63-77.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOFFMANN. Jussara M. Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber.** UFSC, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96974>. Acesso em: 19 jul. 2014.

LIMA, Francisca das Chagas Silva; MOURA, Maria da Glória Carvalho. Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina, a. 23, ed. esp., dez. 2018. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI | ISSN 2526-8449 (Eletrônico) 1518-0743 (Impresso).** Disponível em: <https://doi.org/10.26694/les.v1i1.8242>. Acesso em: 20 jun 2020.

LUCKESI, C. Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar.** 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos. Após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 23 jul 2020.

MOURA, Glória de Carvalho. **Educação de jovens e adultos**: um olhar sobre sua trajetória histórica. Curitiba: Educarte, 2003.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação**: novos tempos e novas práticas. Petrópolis: Vozes, 1998.

TEIXEIRA Josele; NUNES, Liliane. **Avaliação inclusiva**: a diversidade reconhecida e valorizada. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

---

[1] Doutoranda em educação. Mestre em educação. Especialista em Supervisão Escolar. Docente da UNINASSAU-PI e da Secretaria de Educação do Estado do Piauí. Email: celenevieira@hotmail.com.

[2] Doutora em educação. Professora da universidade Federal do Piauí. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. Email: Glorinha\_m@yahoo.com.br

[3] Questionário respondido pela Coordenadora das escolas estaduais de Alto Longá-PI [junho,202].

[4] Questionário respondido pela Coordenadora das escolas estaduais de Alto Longá-PI [junho, 2020]